

VIA TEOLÓGICA

Volume 26 – Número 52 – dez./2025
ISSN 2526-4303

ORIENTAÇÕES BÁSICAS PARA A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE CARTAS

BASIC GUIDELINES FOR THE BIBLICAL
INTERPRETATION OF LETTERS

Me. Paulo Henrique Pedrão



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

ORIENTAÇÕES BÁSICAS PARA A INTERPRETAÇÃO BÍBLICA DE CARTAS

BASIC GUIDELINES FOR THE BIBLICAL INTERPRETATION OF LETTERS

Me. Paulo Henrique Pedrão¹

¹ Mestre em Teologia, Pós-Graduado em Teologia Sistemática Contextualizada e Bacharel em Teologia pela FABAPAR (Faculdades Batista do Paraná). Bacharel em Administração pela FGV/EAESP (Fundação Getúlio Vargas – Escola de Administração de Empresas de São Paulo). Email: paulo.pedrao.fgv@gmail.com.

RESUMO

O presente estudo examina a natureza histórica e literária das cartas bíblicas, com especial ênfase em sua função no contexto do cristianismo primitivo. A análise destaca a importância das epístolas como meio de comunicação pastoral e doutrinária, abordando tanto os elementos formais que caracterizam esse gênero quanto as intenções dos autores e as circunstâncias dos destinatários. A pesquisa evidencia que as cartas não foram compostas como tratados teológicos sistemáticos, mas como correspondências ocasionais, moldadas por contextos históricos específicos. Assim, interpretações adequadas exigem a consideração cuidadosa do fluxo do pensamento do autor, da situação original das comunidades receptoras e da estrutura literária das epístolas. O trabalho também discute os perigos da leitura fragmentada, causada pela divisão moderna em capítulos e versículos, e propõe uma abordagem interpretativa que valorize a leitura integral e contextual. Por fim, são apresentados princípios hermenêuticos e etapas práticas que auxiliam na compreensão das cartas, destacando o valor da reconstrução histórica, da análise estrutural e da aplicação prática das mensagens. A carta bíblica, portanto, emerge como um gênero literário teologicamente denso, historicamente situado e pastoralmente relevante, cujo entendimento exige sensibilidade ao contexto e fidelidade ao texto.

PALAVRAS-CHAVE:

Cartas bíblicas. Epístolas paulinas. Gêneros literários. Hermenêutica bíblica. Contexto histórico.

ABSTRACT

This study examines the historical and literary nature of biblical letters, with a particular focus on their role within the early Christian movement. The analysis emphasizes the importance of epistles as pastoral and doctrinal communication tools, exploring both their formal literary elements and the authors' intentions alongside the recipients' circumstances. The research demonstrates that the letters were not composed as systematic theological treatises but as occasional correspondences shaped by specific historical contexts. Therefore, accurate interpretation requires careful attention to the author's train of thought, the original setting of the recipient communities, and the literary structure of the epistles. The paper also discusses the risks of fragmented reading due to modern chapter and verse divisions, advocating for a holistic and contextual reading approach. Finally, hermeneutical principles and practical steps are presented to aid in the interpretation of the letters, highlighting the value of historical reconstruction, structural analysis, and practical application. The biblical letter thus emerges as a theologically rich, historically grounded, and pastorally significant literary genre that demands contextual sensitivity and textual fidelity for proper understanding.

KEYWORDS:

Biblical letters. Pauline epistles. Literary genres. Biblical hermeneutics. Historical context.

INTRODUÇÃO

As cartas do Novo Testamento, representando uma parcela significativa de sua composição, desempenham um papel crucial na transmissão das instruções fundamentais para a conduta e crença dos cristãos. Carson, Moo e Morris (1997) observam que 21 dos 27 livros do Novo Testamento são cartas, constituindo robustos 35% do texto. Essas epístolas, muitas das quais atribuídas a apóstolos como Paulo, transcendem sua mera forma literária, carregando consigo uma nota de autoridade apostólica que as distingue de cartas pessoais convencionais (KAISER; SILVA, 2014, p. 118).

Cabe aqui tentar fazer uma breve diferenciação entre cartas e epístolas. Concorde-se com a definição de Oliveira (2006, p. 61), de que “carta é esfera íntima, enquanto a epístola é um gênero ‘artificial’”. Artificial porque, tal como os demais textos literários, deixa o propósito comunicativo para se tornar objeto de observação, análise, etc. Ou seja, uma carta geralmente se refere a uma comunicação escrita de caráter pessoal, muitas vezes dirigida a indivíduos ou grupos específicos, abordando questões práticas e cotidianas. Exemplos de cartas podem ser encontradas no Novo Testamento, como as cartas de Paulo a amigos ou a comunidades específicas.

Por outro lado, uma epístola é uma forma de carta mais formal e sistemática, frequentemente destinada a um público mais amplo e com um propósito teológico ou didático. As epístolas bíblicas, como as de Paulo, Tiago e João, costumam incluir ensinamentos, exortações e reflexões sobre a fé, funcionando como instruções e orientações para a vida cristã. Para fins didáticos, o presente material utilizará apenas o termo “carta”.

No passado, alguns pensavam que as cartas de Paulo deveriam ser tratadas como as epístolas de escritores do latim, como Cícero e Sêneca, ou seja, como documentos cuidadosamente elaborados com a intenção de serem lidos como obras literárias. Esse ponto de vista foi abandonado, de um modo geral (KAISER; SILVA, 2014, p. 118).

No contexto greco-romano antigo, o método predominante de comunicação formal à distância era, sem dúvida, o envio de cartas (CARDIN, 2017, p. 172). Esse meio eficaz permitia a disseminação rápida de ensinamentos, especialmente em um movimento cristão primitivo caracterizado por seu crescimento acelerado e missionários itinerantes (CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 261-262).

Kaiser e Silva (2014) provocam uma reflexão crucial sobre a natureza dessas cartas. Elas são meras correspondências pessoais ou documentos literários elaborados? A autoridade apostólica que as permeia sugere uma singularidade que transcende a simplicidade das cartas convencionais (KAISER; SILVA, 2014, p. 118).

A preservação permanente dos ensinamentos contidos nessas cartas, conforme destaca Baxter (1989, p. 57), adquire uma dimensão profética. Embora escritas para contextos específicos, o Espírito Santo, de maneira providente, guiou os autores, tornando essas epístolas não apenas relevantes para sua época, mas também doutrina-chave para a igreja ao longo dos séculos. Esta aula explora, portanto, a natureza única das cartas do Novo Testamento, mergulhando na sua importância histórica, teológica e prática para os crentes de todas as eras. Afinal, “é nelas que se encontra a maior parte das instruções do Novo Testamento acerca de como devemos viver nossa vida como crentes hoje” (KÖSTENBERGER; PATTERSON, 2015, p. 423).

I. CONTEXTO HISTÓRICO E LITERÁRIO

A utilização de cartas como meio de comunicação pelos autores bíblicos, conforme ressaltado por Carson, Moo e Morris (1997, p. 261-262), revela-se estratégica diante do cenário do movimento cristão primitivo. Esse movimento, caracterizado por um crescimento rápido e a presença constante de missionários itinerantes, impunha a necessidade de um canal eficiente para a transmissão de mensagens à distância. Além disso, a adoção desse formato permitia estabelecer uma ligação pessoal, contribuindo para a prática do pastoreio mesmo quando separados por grandes distâncias geográficas.

Não encontraríamos nessas cartas uma reflexão tão viva do seu autor se elas não fossem, em geral, cartas reais, enviadas a pessoas específicas em circunstâncias definidas, causadas por necessidades particulares, e representando, como uma verdadeira carta sempre faz, o que o autor gostaria de ter dito em pessoa, se a distância não o tivesse impedido de fazê-lo (2Co 10.11) (BATE, 1926, p. 5).

A visão de Cardin (2017, p. 172) complementa essa perspectiva ao enfatizar que as cartas não eram destinadas a um único receptor, mas buscavam abranger igrejas ou comunidades específicas em determinadas regiões. Nesse contexto, compreender o entrelaçamento desses documentos com pessoas, circunstâncias e temas específicos torna-se crucial para uma interpretação adequada.

Em virtude de as cartas estarem intimamente ligadas a pessoas e circunstâncias ou a temas específicos, é preciso compreender que esses documentos estão inseridos em um contexto histórico específico ou remetem a uma ocasião específica que instigou a produção de seu conteúdo (CARDIN, 2017, p. 173).

A abordagem de Kaiser e Silva (2014, p. 120) destaca a importância de uma leitura “histórica” das cartas, considerando o autor, o período histórico e as situações particulares que motivaram sua redação. Ao classificar essas cartas como “ocasionais”, sublinha-se a ideia de que foram produzidas para atender a demandas históricas específicas. Assim, a interpretação precisa deve necessariamente levar em conta o contexto histórico para evitar distorções de significado.

A reconstrução histórica, conforme sugerido por Kaiser e Silva (2014, p. 123), emerge como um instrumento fundamental para desvendar o significado genuíno das passagens. A leitura nas entrelinhas torna-se imprescindível para capturar os matizes do contexto histórico subjacente. A abordagem cética, ao reconstruir esse contexto, é essencial para discernir interpretações que possam perturbar o sentido aparente, ao mesmo tempo em que se valoriza reconstruções que emergem do próprio texto e auxiliam na compreensão de declarações complexas.

Quando retiramos 1 Coríntios 7.1 de seu contexto histórico, corremos o risco de distorcer sua mensagem intrínseca. A afirmação “é bom que o homem não se case” pode ser erroneamente interpretada como uma condenação geral ao casamento, ignorando completamente as circunstâncias específicas e os desafios enfrentados pela comunidade cristã de Corinto na época. Contextualmente, Paulo estava respondendo a perguntas e preocupações específicas da igreja local, que podem incluir pressões externas, perseguições ou até mesmo uma visão iminente do retorno de Cristo. Portanto, é imperativo considerar o ambiente histórico para uma compreensão mais precisa e profunda da orientação que Paulo estava oferecendo.

No que diz respeito às cartas de Paulo, Kaiser e Silva (2014, p. 126) apontam para uma escrita cuidadosa e deliberada, sugerindo que, dada a posição de apóstolo, podemos esperar mais do que simples

“rabiscos”. O emprego de secretários durante a redação revela um zelo especial na elaboração do conteúdo, enquanto indícios sugerem que Paulo possuía conhecimento das técnicas ensinadas por professores de retórica do mundo antigo.

No âmbito literário, Cardin (2017, p. 175-177) identifica cinco elementos estruturais nas cartas e epístolas. A identificação apresenta emissário, destinatário e a relação entre ambos. A saudação destaca virtudes dos destinatários e expressa desejos divinos. A intercessão ou doxologia agradece a Deus pela vida dos leitores, sendo a doxologia uma exaltação da divindade. O corpo da mensagem expõe as bases doutrinárias e verdades práticas da vida cristã. A conclusão, saudação final ou doxologia encerra a carta.

Corroborando essa estrutura, Stowers (1986, p. 58-173) e Stirewalt (2003, p. 26) utilizam argumentos históricos para evidenciar que a carta greco-romana típica compreendia endereço, saudação, corpo e conclusão. Ambos destacam o caráter coletivo das cartas, enfatizando que eram enviadas e endereçadas a uma comunidade, com portadores que transmitiam mensagens orais e respondiam a questionamentos relacionados ao conteúdo da carta. Além disso, ressaltam que essas cartas visavam enfatizar a posição oficial do autor na comunidade, agindo como testemunhas jurídicas, e tinham destinatários múltiplos, não individuais.

A estrutura das cartas, como apontada por Cardin, não apenas proporciona uma visão clara do formato literário, mas também lança luz sobre a intenção por trás de cada elemento. A identificação não só apresenta os envolvidos, mas cria um ambiente relacional essencial para a compreensão das mensagens que se seguem. A saudação, por sua vez, transcende a mera formalidade, evidenciando a atenção pessoal do remetente às virtudes e às aspirações divinas para os destinatários.

O momento de intercessão ou doxologia, conforme destaca Cardin, revela uma dimensão espiritual e de comunhão. Essa expressão de agradecimento a Deus pela vida dos leitores, aliada à doxologia que exalta a divindade, não apenas amplia a compreensão teológica da mensagem, mas também reflete o comprometimento do autor com a espiritualidade da comunidade receptora.

O corpo da mensagem, como coração da carta, não apenas expõe os fundamentos doutrinários, mas também oferece orientações práticas para a vida cristã. É nesse elemento que se estabelece uma conexão direta entre a teologia e a aplicação diária da fé, fornecendo uma base sólida para a compreensão e a prática do cristianismo (CARDIN, 2017, p. 175-177).

A conclusão, saudação final ou doxologia, como apontado por Cardin, não é apenas uma formalidade de encerramento, mas uma última oportunidade para o autor reforçar pontos cruciais. Seja encerrando o assunto principal, rogando bênçãos divinas sobre os destinatários, ou exaltando a grandeza de Deus, esse momento final serve como uma espécie de epílogo, consolidando os temas abordados e deixando uma impressão duradoura.

Os *insights* de Stowers e Stirewalt adicionam uma camada histórica à compreensão da escrita de cartas na antiguidade. O fato de as cartas serem enviadas e endereçadas a uma coletividade, lidas perante a assembleia, destaca o caráter comunitário e público desse meio de comunicação. Além disso, a ênfase na posição oficial do autor na comunidade, a entrega de mensagens orais pelos portadores e o papel dos correspondentes como testemunhas jurídicas oferecem nuances adicionais ao entendimento das cartas bíblicas.

Em síntese, a escrita de cartas pelos autores bíblicos transcende a mera transmissão de informações. Ela representa uma interação vívida e contextualizada com as comunidades destinatárias, proporcionando uma base rica para a compreensão das Escrituras e, ao mesmo tempo, lançando luz sobre a dinâmica cultural e social da época.

2. COMPREENSÃO DAS INTENÇÕES DO AUTOR E DOS DESTINATÁRIOS

As cartas, como salientado por Mauerhofer (2010, p. 305-306), transcendem simples registros históricos, oferecendo uma janela única para situações concretas que moldaram não apenas o conteúdo, mas também o tom emocional dessas epístolas. Cardin (2017, p. 174), ao contextualizar esse aspecto, destaca a diversidade emocional que permeia as cartas, desde uma alegria contagiante em Filipenses até momentos de repreensão, correção, apologia, encorajamento e ensino mais aprofundado em outras, como Colossenses, 2 Pedro, Judas, Tiago e 1 Pedro.

O abandono do antigo paradigma que as equiparava a obras literárias, como defendem Kaiser e Silva (2014, p. 118), revela uma compreensão mais profunda do propósito original dessas cartas. Longe de serem documentos elaborados com o intuito de serem lidos como obras literárias, as epístolas eram autênticas correspondências, impregnadas de inspiração divina, destinadas a instruir e guiar comunidades específicas. A leitura dessas cartas como se fossem material técnico ou de seminário teológico, conforme alertam os autores, pode desviar o intérprete para interpretações distorcidas.

A abordagem de Kaiser e Silva enfatiza a importância de uma leitura mais holística das epístolas, sugerindo que os leitores as percorram repetidamente para se imbuírem do conteúdo, propósitos do autor e da complexidade do argumento. A ênfase na leitura integral, evitando a extração isolada de versículos do contexto, ressalta que as cartas não foram originalmente estruturadas em capítulos ou versículos, demandando uma compreensão do fluxo narrativo.

Deveríamos ler completamente toda a epístola diversas vezes, talvez em diferentes versões, até que nos tornemos bastante familiarizados com seu conteúdo, seus interesses, os propósitos aparentes do autor, o modo como o argumento é desenvolvido e assim por diante. No passado alguns pensavam que as cartas de Paulo deveriam ser tratadas como as epístolas de escritores do latim, como Cícero e Sêneca, ou seja, como documentos cuidadosamente elaborados com a intenção de serem lidos como obras literárias. Esse ponto de vista foi abandonado, de um modo geral (KAISER; SILVA, 2014, p. 120).

Interpretar as cartas como se fossem simples livros técnicos de referência ou manuais teológicos de seminário pode desviar o leitor ou intérprete para uma trajetória interpretativa equivocada. Essas cartas, muitas vezes escritas em contextos específicos para lidar com desafios e questões particulares das comunidades cristãs da época, demandam uma abordagem sensível ao seu propósito original. Ao negligenciar o aspecto histórico, cultural e social, corre-se o risco de perder a riqueza das mensagens destinadas a públicos específicos, levando a interpretações simplificadas e potencialmente distorcidas do significado pretendido pelos autores.

Keener destaca não apenas a necessidade de capturar o fluxo de pensamento ao ler as cartas, mas também o apelo para imaginar a situação original. Essa abordagem não apenas resgata o contexto histórico, mas também busca compreender a intenção do autor ao redigir a correspondência em sua totalidade.

As cartas não se dividiam em capítulos ou versículos quando inicialmente escritas; assim, era preciso que se lesse a carta por inteiro para captar o fluxo de pensamento do autor, e nunca extrair versículos de seu contexto. Os leitores antigos reconheciam a necessidade de se tentar compreender a finalidade do autor ao redigir suas missivas, e já conheciam

sua própria situação cultural. Quando lemos as cartas, é mister que imaginemos a situação original e tentemos captar o fluxo de pensamento do autor lendo-o através de todo o contexto (KEENER, 2005, p. 426).

A visão de Osborne (2009, p. 405) destaca que os escritores sagrados não buscavam apresentar uma teologia sistemática nas cartas. Ao contrário, eles utilizavam a teologia como uma ferramenta para abordar situações específicas. Isso implica que a leitura deve ser sensível ao contexto original, permitindo o desenvolvimento de uma teologia dogmática ou sistemática a partir das declarações individuais.

Metzger (1969, p. 217) acentua a autoridade inerente nas cartas, especialmente nas de Paulo. Essa autoridade não repousa na superioridade pessoal de Paulo, mas na comissão divina direta que ele recebeu de Jesus Cristo. Esse entendimento é crucial para interpretar as instruções e exortações presentes nessas cartas.

Fee e Stuart (2019, p. 311-312) vão apontar quatro aspectos, dentre vários, que as epístolas têm em comum. Primeiro, eles destacam o papel central da morte e ressurreição de Cristo em todas as mensagens, uma vez que a prioridade é a salvação do povo de Deus. Em segundo lugar, as epístolas são direcionadas à primeira geração de convertidos e não buscam oferecer uma síntese completa da doutrina ou ética cristã.

Terceiro, cada um dos autores crê que, com Jesus e o Espírito Santo, o tempo do fim já começou. “Os autores e os destinatários entendem sua nova vida em Cristo como algo ‘já’ real, mas ‘ainda não’ aquilo que será no final (1 Jo 3.2)” (FEE; STUART, 2019, p. 312). Em quarto lugar, os mandamentos éticos sobre o que é apropriado ou não, presentes em todas as epístolas, não constituem uma forma inédita de legislação, mas são interpretados como manifestações da semelhança divina, conforme revelado em Cristo, como evidenciado em 2 Coríntios 3.18 (“Assim, todos nós, que com a face descoberta contemplamos a glória do Senhor, estamos sendo transformados segundo a sua imagem com glória cada vez maior, a qual vem do Senhor, que é o Espírito”) e 4.4-6, que pode ser lido a seguir:

O deus desta era cegou o entendimento dos descrentes, para que não vejam a luz do evangelho da glória de Cristo, que é a imagem de Deus. Pois não nos pregamos a nós mesmos, mas a Jesus Cristo, o Senhor, e a nós como escravos de vocês, por amor de Jesus. Pois Deus que disse: “Das trevas resplandeça a luz”, ele mesmo brilhou em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus na face de Cristo (2 Co 4.4-6).

Dessa forma, esses imperativos refletem o que a vida será no reino final. As epístolas enfatizam que a vida futura deve ser experimentada agora, dentro da comunidade de fé, enquanto aguardamos o desfecho final.

3. AUXÍLIOS PARA A INTERPRETAÇÃO DE CARTAS

Na imersão profunda nas cartas bíblicas, percebe-se que a apreciação e interpretação demandam uma abordagem sensível e criteriosa, ressaltada com maestria por Kaiser e Silva (2014, p. 122). A dependência da evidência interna, extraída das próprias cartas, emerge como uma premissa fundamental para alcançar uma compreensão genuína. Entretanto, os leitores contemporâneos, frequentemente guiados pelas divisões de capítulos e versículos em suas Bíblias, estão suscetíveis a uma leitura fragmentada, conforme alertado pelos autores.

Todos nós, ao recebermos uma carta de um conhecido, procuramos lê-la inteira em uma sentada. Em parte por causa das divisões de capítulos, versículos de nossas Bíblias modernas, os cristãos raramente gastam o tempo necessário para ler toda a epístola (Kaiser; Silva, 2014, p. 119).

Analogamente, equiparar essa abordagem à leitura seletiva de uma carta pessoal destaca a inconsistência inerente desse método interpretativo, ressaltando seu potencial para ocasionar confusões. Consideremos a situação de um homem que recebe uma carta emocionalmente significativa de sua noiva, composta por cinco páginas, numa segunda-feira. Se ele optar por ler apenas a terceira página naquele dia, a última página na quinta-feira, as primeiras duas semanas depois, e continuar intercalando de maneira fragmentada, o resultado inevitável seria uma compreensão fragmentada e distorcida da mensagem global da carta. Da mesma forma, ao adotar uma abordagem seletiva nas leituras das cartas bíblicas, perde-se a continuidade e o contexto que são essenciais para uma compreensão mais completa e precisa das mensagens contidas nelas.

A leitura contextual, destacada como um antídoto para interpretações equivocadas, ganha ainda mais relevância, conforme sugerido por Kaiser e Silva (2014, p. 119). Seções específicas devem ser compreendidas considerando o contexto mais amplo da carta, proporcionando uma visão holística e mais profunda. A cautela ao ler nas entrelinhas é enfatizada, com a necessidade de uma interpretação robusta e não excessivamente dependente de inferências que carecem de sustentação independente (KAISER; SILVA, 2014, p. 123).

Fee e Stuart (2022, p. 108-109) apontam uma regra básica que reafirma esse ponto: “o texto não pode significar o que nunca poderia ter significado para seu autor e leitores”.

Cardin (2017, p. 178-179) e Stirewalt (2003, p. 469) enriquecem o repertório interpretativo com suas abordagens complementares. Cardin sugere seis passos, incluindo conhecer o autor, entender os bastidores da carta e pensar na praticidade da mensagem: conhecer o autor; conhecer os bastidores da carta; conhecer os leitores da carta; compreender o propósito da carta; entender uma passagem em específico, se for o caso (sem, é claro, interpretar nada fora de seu devido contexto); e pensar na praticidade da carta.

Stirewalt, embora com princípios diferentes, oferece uma perspectiva valiosa ao destacar a importância de determinar a estrutura e o raciocínio da carta. Primeiramente, ele recomenda determinar a estrutura e o raciocínio da carta, o qual também é defendido por Osborne (2009, p. 407). Em seguida, sugere sempre interpretar uma passagem à luz da mensagem da carta como um todo. Em terceiro lugar, aponta que o leitor precisa discernir o que autor escreveu puramente para uma ocasião específica e quais princípios normativos se podem extrair da situação específica de que o autor está tratando.

Osborne (2009, p. 411) acrescenta uma camada adicional ao apontar a diversidade de subgêneros presentes nas cartas, como hinos e credos, apocalípticos e provérbios. Essa compreensão enriquece a leitura, proporcionando ferramentas específicas para interpretar passagens diversas.

Além de tudo o que já foi apontado até aqui, o leitor ou intérprete bíblico precisa ter dois cuidados para que sua leitura e interpretação sejam adequadas. Em primeiro lugar, é preciso ler as cartas teologicamente. Kaiser e Silva (2014, p. 129-130) incitam a uma leitura teológica das cartas, ressaltando a riqueza de questões teológicas nelas abordadas. A discussão sobre o “centro da teologia paulina” é mencionada, enfatizando a importância de relacionar conceitos fundamentais às passagens específicas.

Cardin (2017, p. 175) destaca o duplo propósito das cartas: fundamentar teologicamente a igreja e orientar práticas cristãs. Essa distinção é vital para evitar interpretações distorcidas e assegurar uma aplicação precisa.

Em segundo lugar, é preciso ler as cartas como documento autoritativo. A perspectiva de Kaiser e Silva (2014, p. 133) sobre as cartas como documentos autoritativos é fundamental. A ideia de que essas epístolas, assim como o restante das Escrituras, possuem autoridade divina e permanecem relevantes é essencial para preservar sua importância como Escritura.

Portanto, a leitura e interpretação das cartas exigem uma abordagem integrada, considerando o contexto, a diversidade de subgêneros, os propósitos teológicos e a autoridade divina subjacente. Essa compreensão profunda enriquece a experiência do leitor, proporcionando uma jornada mais rica e significativa, e preserva a integridade das mensagens contidas nessas valiosas correspondências.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao percorrer os caminhos intrincados das cartas do Novo Testamento, o leitor ou estudante bíblico se encontra diante de uma herança literária e teológica de valor incalculável. Esses documentos, constituintes de mais de um terço do Novo Testamento, transcendem a mera correspondência humana, revelando-se como portadoras de uma autoridade apostólica que as distingue como guias fundamentais para a fé cristã (KAISER; SILVA, 2014, p. 118).

A complexidade estrutural e a riqueza teológica dessas epístolas são evidentes ao se explorar os princípios interpretativos propostos por estudiosos como Cardin (2017), Stirewalt (2003), e Osborne (2009). Esses guias nos alertam para a necessidade de considerar não apenas o contexto histórico, mas também a estrutura, o raciocínio e os subgêneros empregados pelos autores, proporcionando uma visão holística e aprofundada das mensagens contidas nas cartas.

O caráter único desses documentos é ressaltado pela escolha deliberada de estilo público e literário, indicando não apenas correspondências pessoais, mas autoridade divina a ser obedecida (OSBORNE, 2009, p. 405; METZGER, 1969, p. 217). O fato de terem sido escritos em um contexto de comunicação formal à distância no mundo greco-romano destaca sua função vital no sustento e expansão do movimento cristão primitivo (CARDIN, 2017, p. 172; CARSON; MOO; MORRIS, 1997, p. 261-262).

Ao concluir esta jornada acadêmica pelas cartas do Novo Testamento, o leitor ou estudante bíblico é confrontado com uma herança inesgotável de ensinamentos inspirados e orientações atemporais. As palavras escritas para contextos específicos ecoam através dos séculos, proporcionando não apenas *insights* históricos, mas também uma base sólida para a fé e prática cristãs. Diante dessa herança, somos desafiados a mergulhar mais profundamente nas cartas, considerando-as não apenas como registros históricos, mas como um legado vivo que continua a moldar e inspirar a jornada espiritual da comunidade cristã global.

REFERÊNCIAS

- BATE, H. N. *A Guide to the Epistles of St. Paul*. London: LONGMANS, 1926.
- BAXTER, J. Sidlow. *Examinai as escrituras: Atos a Apocalipse*. São Paulo: Vida Nova, 1989.
- CARDIN, Hélder. *Curso Vida Nova de Teologia Básica: Hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2017.
- CARSON, D. A.; MOO, Douglas J.; MORRIS, Leon. *Introdução ao Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1997.

- FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. **Entendes o que lês?** Um guia para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- FEE, Gordon; STUART, Douglas. **Como ler a bíblia livro por livro: um guia confiável para ler e entender as escrituras sagradas.** Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2019.
- KAISER, Walter C.; SILVA, Moisés. **Introdução à hermenêutica bíblica: como ouvir a Palavra de Deus apesar dos ruídos de nossa época.** 3.ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.
- KEENER, Craig S. **Comentário bíblico Atos: Novo Testamento.** Belo Horizonte: Atos, 2005.
- KÖSTENBERGER, Andreas J.; PATTERSON, Richard D. **Convite à interpretação bíblica: a tríade hermenêutica.** São Paulo: Vida Nova, 2015.
- MAUERHOFER, Erich. **Introdução aos Escritos do Novo Testamento.** São Paulo: Vida, 2010.
- METZGER, Bruce. **The New Testament: Background Growth and Content.** London: Luther Worth Press, 1969.
- OLIVEIRA, Davi. Cartas na Bíblia: uma análise do gênero textual. *Acta Científica – Ciências Humanas*. v.2, n.11, p.57-64, 2006. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://files.circle.adventistlearningcommunity.com/files/unaspres/actacientifica2006025707.pdf>. Acesso em: 09 out. 2024.
- OSBORNE, Grant R. **A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica.** São Paulo: Vida Nova, 2009.
- STIREWALT, M. Luther. **Paulo, the Letter Writer.** Grand Rapids: Eerdmans, 2003.
- STOWERS, Stanley K. **Letter writing in Greco-Roman antiquity.** Louisville: Westminster John Knox Press, 1986.